

Tecnologia pode ajudar a reduzir erros médicos? Avanço da IA inaugura nova era na saúde

Com sistemas mais autônomos e integrados à rotina clínica, especialistas apontam que a inteligência artificial pode contribuir para maior precisão e segurança no atendimento — desde que sob comando do médico

Por PressWorks — São Paulo

Reduzir erros médicos é um dos maiores desafios dos sistemas de saúde em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde, falhas evitáveis durante o atendimento estão entre as principais causas de danos a pacientes globalmente, muitas vezes relacionadas a falhas de comunicação, registros incompletos ou sobrecarga de trabalho dos profissionais.

Nesse cenário, a inteligência artificial começa a assumir um papel relevante, não como substituta da decisão clínica, mas como ferramenta de apoio à organização de informações e redução de falhas operacionais. O avanço mais recente desse movimento é o que especialistas vêm chamando de "era agêntica" na medicina, marcada pela transição de sistemas que apenas auxiliam o médico para soluções mais autônomas na execução de tarefas administrativas.

Relatório da McKinsey & Company aponta que até 30% das atividades administrativas na saúde podem ser automatizadas, incluindo tarefas como documentação clínica, organização de dados e geração de relatórios. Já estudos publicados pela revista científica *Annals of Internal Medicine* indicam que médicos podem gastar quase duas horas com tarefas administrativas para cada hora de atendimento direto ao paciente, o que aumenta o risco de erros por fadiga e sobrecarga.

É nesse contexto que surge uma nova geração de ferramentas, conhecidas como agentes "autopilot", capazes de executar tarefas completas a partir de comandos simples do profissional de saúde. Diferente dos modelos anteriores, muitas vezes comparados a "copilotos", que exigem múltiplas interações e validações, esses

sistemas atuam de forma mais fluida, acompanhando a dinâmica da consulta.

A Mediccos desenvolveu um desses agentes, chamado Oscar, projetado para atuar como um assistente médico digital. A ferramenta permite que o profissional conduza a consulta normalmente, enquanto a inteligência artificial organiza as informações em tempo real e gera documentos como prontuários e prescrições estruturadas em formato digital.

Segundo o Dr. João Ladeia, médico e porta-voz da empresa, a proposta não é automatizar o raciocínio clínico, mas reduzir falhas relacionadas ao registro das informações. "O diagnóstico, a escolha do tratamento e todas as decisões clínicas continuam sendo do médico. O que a tecnologia faz é garantir que essas informações sejam registradas de forma completa, organizada e sem retrabalho, o que ajuda a reduzir erros operacionais", afirma.

De acordo com ele, a sobrecarga administrativa é um dos principais fatores que contribuem para inconsistências nos registros. "Quando o profissional precisa dividir a atenção entre o paciente e o computador, aumenta a chance de omissões ou erros de digitação. Ao automatizar essa etapa, conseguimos tornar o processo mais seguro e padronizado", explica.

Além da organização dos dados, a padronização dos documentos também é apontada como um fator relevante para a segurança do paciente. Registros mais claros e completos facilitam o acompanhamento clínico, a continuidade do cuidado e a comunicação entre diferentes profissionais de saúde.

A digitalização da medicina, no entanto, traz novos desafios. A Autoridade Nacional de Proteção de Dados reforça que informações de saúde são consideradas dados sensíveis pela legislação brasileira e exigem alto nível de proteção. Por isso, especialistas destacam que o uso de inteligência artificial precisa estar alinhado a boas práticas de segurança, governança de dados e conformidade regulatória.

Para os próximos anos, a expectativa é que a adoção de sistemas mais autônomos se intensifique, especialmente em tarefas administrativas e operacionais. Relatório da Gartner indica que o uso de inteligência artificial na saúde deve continuar crescendo, com foco em eficiência, redução de custos e melhoria da qualidade do atendimento.

Nesse cenário, a chamada "era agêntica" tende a redefinir o papel da tecnologia na medicina. Mais do que ferramentas de apoio pontual, os sistemas passam a atuar como extensões da prática clínica, sempre sob supervisão humana.

"A tecnologia não substitui o médico, mas pode reduzir riscos quando bem aplicada. Quanto mais organizado e estruturado for o registro da informação, maior a segurança para o paciente e para o profissional", conclui o Dr. João Ladeia.

<https://revistapegn.globo.com/conteudo-de-marca/pressworks/noticia/2026/04/tecnologia-pode-ajudar-a-reduzir-erros-medicos-avanco-da-ia-inaugura-nova-era-na-saude-1.ghtml>

Veículo: Online -> Site -> Site Revista PEGN - Pequenas Empresas & Grandes Negócios